

Cousteau reduz importância das queimadas na Amazônia

BRUXELAS — O oceanógrafo francês Jacques Cousteau afirmou ontem em Bruxelas, onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Flamenga, que as maiores ameaças ao ecossistema terrestre são a diminuição da camada de ozônio, o aumento da temperatura ambiental e o excesso de gás carbônico na atmosfera, e não a destruição das florestas da Amazônia.

“A Amazônia não é o pulmão do mundo”, sublinhou o veterano cientista, premiado também pela Academia Francesa de Ciências. Os plânctons, fitoplânctons e microorganismos do oceano é que absorvem o gás carbônico em excesso da atmosfera, uma função muito mais importante que a das florestas brasileiras, como explicou Cousteau. “Esses microorganismos são destruídos pelos raios ultravioletas, que penetram pela camada fragilizada de ozônio.”

A Amazônia, segundo o oceanógrafo, deve ser preservada por outros motivos, como a diversidade de sua fauna e flora, que tem entre cinco e seis milhões de espécies que nunca foram classificadas, e não por ser o pulmão da Terra, como querem alguns. A preservação da Amazônia, para Cousteau, deve ser feita com uma estratégia bem precisa, evitando a importação e imposição de métodos e culturas alheios às tradições indígenas. “Deve se preservar a floresta de dentro”, disse ele.

O oceanógrafo francês alerta para os perigos “devastadores” do buraco de ozônio e pede uma campanha em defesa da Antártica, para conter o aumento da tem-



Cousteau defendeu a Antártica

peratura terrestre. O continente está ameaçado pelos países que participaram da Conferência de Wellington, que estabeleceu um loteamento de suas riquezas naturais entre os países desenvolvidos. Ele lembrou que, em outubro próximo, alguns países, entre eles a França, apresentarão à Assembleia Geral das Nações Unidas uma Declaração Universal dos Direitos das Futuras Gerações, que se baseia na preservação do meio ambiente.

Oceanógrafo inverte a mão das críticas

Cousteau é o primeiro grande nome da ecologia a inverter a mão das críticas que os países pobres vêm sofrendo ultimamente dos países desenvolvidos. Afinal, são os Estados Unidos e a Europa Ocidental que lançam mais de dois terços dos gases que contêm clorofluorcarbono (CFC), que corroem a camada de ozônio e

causam o efeito estufa, aquecimento da temperatura da Terra causado pela poluição. A América Latina contribui apenas com 3% dos CFCs lançado no ar.

Os países da Europa industrializada e os Estados Unidos também são recordistas em produção de gás carbônico, 2,6 bilhões de toneladas em 1985, enquanto o Brasil lançou na atmosfera modestas 200 milhões de toneladas. O Brasil, entretanto, lidera as estatísticas de destruição florestal: as queimadas colocaram 336 milhões de toneladas de fumaça na atmosfera, em 1980, quase o dobro do segundo colocado, a Indonésia com 192 milhões de toneladas.